

JOHN MARSHALL

**PENSE COMO
UM FILÓSOFO**

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| I. – PREFÁCIO..... | 9 |
| I. – A ESCOLA DE MILETO | |
| I. Tales..... | 11 |
| II. Anaximandro..... | 15 |
| II. – A ESCOLA DE MILETO (conclusão) | |
| III. Anaxímenes..... | 21 |
| IV. Heráclito..... | 22 |
| III. – PITÁGORAS E OS PITAGÓRICOS..... | 27 |
| IV. – OS ELEÁTICOS | |
| I. Xenófanes..... | 33 |
| II. Parménides..... | 35 |
| V. – OS ELEÁTICOS (conclusão) | |
| III. Zenão..... | 41 |
| IV. Melisso..... | 44 |
| VI. – OS ATOMISTAS | |
| I. Anaxágoras..... | 49 |
| VII. – OS ATOMISTAS (continuação) | |
| II. Empédocles..... | 55 |
| VIII. – OS ATOMISTAS (conclusão) | |
| III. Leucipo e Demócrito..... | 67 |
| IX. – OS SOFISTAS..... | 73 |

| | |
|--|-----|
| X. – OS SOFISTAS (conclusão) | 81 |
| XI. – SÓCRATES | 87 |
| XII. – SÓCRATES (conclusão) | 97 |
| XIII. – OS SOCRÁTICOS INCOMPLETOS | |
| I. Aristipo e os cirenaicos | 103 |
| II. Antístenes e os cínicos | 106 |
| III. Euclides, <i>o Megárico</i> | 109 |
| XIV. – PLATÃO | 111 |
| XV. – PLATÃO (continuação) | 121 |
| XVI. – PLATÃO (continuação) | 127 |
| XVII. – PLATÃO (conclusão)..... | 133 |
| XVIII. – ARISTÓTELES | 141 |
| XIX. – ARISTÓTELES (continuação) | 151 |
| XX. – ARISTÓTELES (conclusão)..... | 159 |
| XXI. – OS CÉTICOS E OS EPICURISTAS | 167 |
| XXII. – OS ESTOICOS | 179 |

PREFÁCIO

O principal objetivo que tive em mente ao escrever este livro foi o de apresentar uma descrição da filosofia grega que, dentro dos rígidos limites da brevidade, fosse simultaneamente autêntica e interessante: *autêntica*, porque baseada nas obras originais propriamente ditas, e não em quaisquer fontes secundárias; *interessante*, por apresentar ao leitor comum, numa linguagem tão desprovida quanto possível de tecnicismos e abstrusidades, as grandes ideias dos maiores homens da Antiguidade sobre questões de importância e valor permanentes. Não houve qualquer tentativa de fugir aos problemas deveras filosóficos que estes homens tentaram resolver no seu tempo; mas esforcei-me por demonstrar, através de um tratamento compreensivo, que estes problemas não eram meras guerras de palavras, tendo os filósofos de há vinte e quatro séculos lidado com dificuldades exatamente similares, no que respeita às bases de crença e de ação correta, às que, sob formas diferentes, assolam os homens e mulheres ponderados de hoje.

Na abordagem geral ao tema, segui sobretudo a ordem, e baseei-me em particular na seleção de passagens, da *Historia Philosophiae Graecae*, de Ritter e Preller. Espera-se que, desta forma, este pequeno

livro possa ser considerado útil nas universidades, um resumo dessa excelente obra.

Nas secções sobre Platão, e ocasionalmente também noutros locais, fundamentei-me em certa medida, com a generosa autorização dos representantes da Clarendon Press e do próprio, no grande comentário e tradução do professor Jowett.

JOHN MARSHALL

CAPÍTULO I

A ESCOLA DE MILETO

*A questão de Tales – Água, o início das coisas –
Alma em todas as coisas – O mistério na ciência –
Abstração e realidade – Teoria do desenvolvimento*

I. TALES

Durante vários séculos antes das grandes invasões da Grécia pelos persas, a maior e mais rica cidade do mundo grego foi talvez Mileto. Localizada perto do centro das costas jónicas da Ásia Menor, com quatro magníficos portos e uma posição fortemente defensável, reuniu em seu redor grande parte do grande comércio terrestre que, durante milhares de anos, fluiu para leste e para oeste entre a Índia e o Mediterrâneo; enquanto, com grandes frotas, criou o seu próprio novo mundo ao longo da costa do mar Negro. As respetivas colónias eram aí tão numerosas que Mileto foi designada «Mãe de Oitenta Cidades». Desde Abidos no Bósforo, passando por Sinope, e daí até à Crimeia e ao Don, seguindo depois para a Trácia, uma movimentada comunidade de colónias de mineração, manufatura, construção naval e cultivo de milho tinha Mileto como cidade-mãe. Os seus mercados devem, pois, ter estado repletos de mercadores de todos os países, da Índia a Espanha, da Arábia à Rússia; as riquezas e maravilhas de todos os climas devem ter-se tornado familiares para os seus habitantes. É, por conseguinte,

natural que tenha nascido nesta cidade o primeiro eminente geógrafo grego, o primeiro construtor de um mapa, o primeiro observador de curiosidades naturais e outras, o primeiro a registar a diversidade de costumes entre várias comunidades, o primeiro a especular sobre as causas de estranhos fenómenos – Hecateu. Grande parte da sua obra perdeu-se, mas sabemos muito sobre ela graças às frequentes referências feitas na obra do rival e seguidor, Heródoto.

A cidade ocupava naturalmente um lugar de destaque, tanto a nível político como comercial. O conceito de império, no sentido que lhe atribuímos, era alheio aos instintos da raça grega; contudo, a cidade de Mileto foi reconhecida durante séculos como o principal membro de uma grande liga comercial e política, cujo carácter político se tornou mais definido quando a monarquia lídia e, depois, a monarquia persa se tornaram vizinhos agressivos nas suas fronteiras.

Foi neste estado ativo, próspero e empreendedor, e no seu período de máxima atividade, que Tales, estadista, engenheiro prático, matemático e filósofo, prosperou. Sem tentar determinar com demasiada exatidão a sua época, podemos considerar que foi um homem importante em Mileto durante grande parte da primeira metade do século VI a. C. Ouvimos falar num eclipse que ele previu, no curso de um rio proveitosamente alterado, numa astuta e lucrativa manipulação do mercado, em conselhos sensatos nos concílios gerais da liga. Parece ter sido também um estudioso da matemática e um observador da natureza, além de algo análogo a ambas, um inquiridor ou especulador sobre a *origem* das coisas. Hoje em dia, isto sugere-nos um estudante de geologia, ou de fisiografia, ou de outro ramo similar das ciências físicas; a Tales, era provável que sugerisse antes uma investigação teórica ao mais simples aspeto *pensável* das coisas tal como elas são. «Sob que forma conhecida», teria aparentemente perguntado, «podemos assumir uma identidade em todas as coisas conhecidas, de modo a melhor cobrir ou tornar explicáveis as coisas conforme as conhecemos?» O «início» das coisas (foi assim que ele descreveu esta suposta identidade) não

era concebido por ele como algo que ocorrera há muito tempo e deixara de existir; era antes a realidade atual das coisas. Tales foi, pois, o formulador de uma questão, que não tinha sido expressamente colocada, mas que nunca mais deixou de ser feita. Foi também o formulador de um novo significado para uma palavra; a palavra «início» (em grego, *arche*) adquiriu o sentido de «realidade subjacente», e assim também o de «fim». Em suma, lidou de tal modo com uma palavra que, à superfície, implicava tempo, que eliminou a ideia de tempo, sugerindo um método de olhar para o mundo mais profundo e abrangente do que alguma vez fora imaginado.

É interessante constatar que o primeiro filósofo, o primeiro observador a adotar uma visão metafísica, atemporal e analítica do mundo, tornando-se assim o antecessor desses devotos das formas «transcendentais» de pensamento – idealistas académicos, «solenes doutores de roupagem estoica» ou ascetas cristãos e afins, cujos modos são um grande quebra-cabeças para o «obstinado homem prático» –, era ele mesmo um dos homens mais astutos do seu tempo, tão perspicaz que foi consensualmente classificado na Antiguidade como o mais importante dos Sete Sábios, ou sete homens astutos, cuja sabedoria prática se tornou uma tradição mundial, consagrada em histórias e cristalizada em provérbios.

O principal registo dos ensinamentos filosóficos de Tales encontra-se numa interessante referência às filosofias anteriores feita por Aristóteles, cuja parte principal, no que respeita a Tales, diz o seguinte:

«Regra geral, os primeiros filósofos formulavam o princípio original (em grego, *arche*) de tudo sob algum tipo de expressão material. Como princípio original ou elemento das coisas, referiam-se àquilo de que todas as coisas existentes são feitas, o que determina a sua existência e aquilo em que se transformam ao perecerem. O ponto em que estes filósofos divergiam estava na resposta dada à questão de qual era a natureza deste princípio, sendo que as diferenças de opinião se aplicavam tanto ao número como ao carácter do suposto elemento ou elementos.

«Tales, o pioneiro desta filosofia, defendia que o princípio original das coisas era a *água*. Foi, sem dúvida, neste sentido que disse que a terra assentava na água. O que lhe sugeriu a ideia podem ter sido factos observáveis, por exemplo, que as formas de substância que promovem a vida são húmidas, que o próprio calor parece ser condicionado pela humanidade, que a semente que em todas as criaturas gera vida é húmida, e por aí adiante.»

Outras características da água, é sugerido noutro local, podem ter estado no pensamento de Tales, como a sua facilidade em adotar várias formas, a sua convertibilidade de água em vapor ou gelo, a sua fácil mistura com outras substâncias, e por aí fora. O que temos de notar é que, quanto mais anticientífica esta teoria sobre o universo nos parecer, mais em completo desacordo com os factos que hoje todos conhecem, mais impressionante é, dado que assinala uma nova disposição mental em que a *união*, ainda que sugerida apenas de forma muito parcial ou descoberta através dos sentidos, é preferível a essas infinitas e indefinidas *variedade e diferença* que os sentidos nos dão a cada momento. Existe aqui o gérmen de uma nova aspiração, de uma determinação em não ficar pelo meramente momentâneo ou diferente, mas em tentar pelo menos, mesmo contra a aparente evidência dos sentidos, obter algo mais permanentemente inteligível. Enquanto primeira sugestão do que pode esta permanente realidade subjacente ser, talvez a *água* sirva muito bem. É provável que até Tales se tratasse apenas de um símbolo, como o algarismo numa equação matemática, representando através do primeiro fenómeno físico admissível a vir à mão essa realidade ideal subjacente a todas as mudanças, que é simultaneamente o início, o meio e o fim de tudo. Que não se referia à água, no sentido prosaico normal, como equivalente a isto, é sugerido por outros dizeres seus. «Tales», afirma Aristóteles noutro local, «julgava que todo o universo estava cheio de deuses.» «Todas as coisas», terá dito, «contêm em si uma *alma*, em virtude da qual movem outras coisas e são elas próprias movidas, como o íman, em virtude da sua vida ou alma, move o ferro.» Sem forçar demasiado estas afirmações fragmentárias, podemos concluir que, quer se referisse à alma do universo e

aos seus divinos poderes interiores, aos deuses ou à água enquanto origem das coisas, Tales estava apenas a simbolizar vagamente e de diferentes formas uma ideia ainda informe e vazia, por exemplo, o caos primordial, mas, no entanto, tal como ele, contendo no interior uma promessa e um potencial de vida maior no futuro.

II. ANAXIMANDRO

A nossa informação acerca de pensadores tão distantes como estes homens é demasiado escassa e fragmentária para nos permitir afirmar de que forma ou em que medida se influenciaram uns aos outros. É impossível defender que um deles era discípulo ou antagonista de outro. Surgem, poder-se-á asseverar que apenas por um momento, de entre as trevas da Antiguidade; captamos alguns dos seus dizeres através do vazio, e depois desaparecem. Não existe, conseqüentemente, qualquer progressão ou continuidade muito distinta observável entre eles, e temos de confessar que, até aqui, o título «escola de Mileto» é inapropriado. Citámos já as palavras de Aristóteles em que ele engloba todos os filósofos jónicos como dando algum tipo de aspeto *material* ao princípio original do universo. Mas ainda que esta seja uma característica observável em alguns deles, não é tão obviamente detetável no segundo dos seus membros, Anaximandro.

Este filósofo, diz-se, terá sido uma geração mais novo do que Tales, sendo, porém, íntimo deste. À semelhança de Tales, era natural de Mileto, e embora não oicamos falar nele como uma pessoa de importância e atividade política, como Tales, era certamente igual ou superior a ele em capacidades matemáticas e científicas. Terá inventado, ou pelo menos dado a conhecer à Grécia, a construção do relógio de sol. Associou-se a Hecateu na elaboração dos primeiros mapas ou cartas geográficas; dedicou-se com algum sucesso à ciência da astronomia. A sua familiaridade com as abstrações da matemática talvez explique a forma mais abstrata como se expressou sobre o princípio de tudo.

Para Anaximandro, este princípio era, tal como expressou, o *infinito*; não a água nem qualquer outro dos chamados elementos, mas algo diferente, dificilmente identificável, de cuja ausência de forma os céus e todos os mundos neles contidos vieram a existir. E era necessariamente a esse infinito ou existência indefinida, de onde tinham emergido, que todas as coisas criadas regressavam. Assim, conforme ele expressou de forma poética: «O tempo exercia as suas vinganças e, pelo crime da existência, todas as coisas pagavam com a pena de morte.»

O temporário repouso de Tales nos limites do mundo familiar das coisas, na sua formulação da água enquanto princípio da existência, é imediatamente removido. Chegamos, por assim dizer, à mais antiga concepção das coisas tal como a encontramos no Génesis; antes da existência dos Céus e da Terra, ou das águas sob a terra, ou da luz, do Sol e da Lua, ou da relva e dos animais dos campos, quando a «terra era informe e vazia, e a escuridão cobria a face do abismo». Importa apenas observar que, enquanto na primitiva ideia bíblica este vazio informe precede no *tempo* um universo organizado, na visão de Anaximandro, esta infinitude informe está sempre presente, sendo, na verdade, a única realidade que existe, algo sem princípio nem fim, subjacente a tudo, tudo envolvendo, tudo governando.

Aos críticos modernos, isto pode parecer pouco mais do que verborreia, tendo, talvez, algumas possibilidades de tratamento poético, mas decerto muito insatisfatória se vista enquanto ciência. Temos, porém, de responder a isto que não somos chamados a vê-la enquanto ciência. Por trás da ciência, tanto nos dias de hoje, em que o nosso conhecimento sobre os pormenores dos fenómenos sofreu um grande aumento, como no tempo em que a ciência estava apenas a brotar, jaz um mundo de mistérios que não podemos penetrar, mas que somos obrigados a assumir. Nenhum tratado científico pode começar sem aceitar a matéria e a força como dados, e por mais que tenhamos aprendido sobre as relações das *forças* e as afinidades das *coisas*, a matéria e a força propriamente ditas continuam a ser, em grande medida, os mesmos vagos infinitos que o «infinito» original de Anaximandro.

Importa referir, porém, que, embora a ciência moderna admita *dois* dados correlativos ou princípios originais – nomeadamente, a força e a matéria –, Anaximandro parece ter-se contentado com a formulação de apenas um; e talvez seja aqui que continua a afinidade entre ele, Tales e os outros filósofos da escola. Segundo eles, parece ter suscitado nitidamente a questão: como explicamos, ou formulamos, o princípio da *diferença* ou da mudança? O que leva a que as coisas venham à existência a partir do vazio infinito, e o que as chama de volta para lá? Temos de confessar, no entanto, que as nossas teses a esse respeito são algo contraditórias. Um especialista diz que formulou o movimento considerando-o também eterno. Na medida em que tentou compreender a ideia de diferença em função da de unidade, parece ter entendido o princípio da mudança ou da diferença como inerente ao próprio infinito. Neste contexto, Aristóteles compara a sua doutrina com a de Anaxágoras, que formulou *dois* princípios da existência – matéria e mente. Anaximandro, salienta, encontrou tudo o que queria num só.

Enquanto matemático, Anaximandro deve ter-se familiarizado em vários aspetos com as funções do infinito ou indefinível na organização do pensamento. Para o estudioso de Euclides, por exemplo, é familiar a impossibilidade de definir adequadamente qualquer dos elementos fundamentais da ciência da geometria – o ponto, a linha, a superfície. Na medida em que é de todo possível uma ciência da geometria, a exatidão, que é a sua característica essencial, só é alcançável partindo de dados que são em si mesmos impossíveis, de um ponto sem magnitude, de uma linha sem largura, de uma superfície sem espessura. Na ciência dos números abstratos, os pressupostos fundamentais, como $1=1$, $x=x$, etc., são contrariados por cada facto da experiência, dado que, no mundo consoante o conhecemos, a igualdade absoluta é impossível de descobrir; e, no entanto, estes conceitos fundamentais são, no seu desenvolvimento, poderosos instrumentos para a extensão do domínio do homem sobre as suas próprias experiências. É a sua absoluta abstração dos acasos da experiência, das diferenças, qualificações e variações que tanto contribuem para os interesses

pessoais da vida, que torna as ciências abstratas demonstrativas, exatas e universalmente aplicáveis. Na medida em que nos é permitido entender o conceito de uma existência perfeitamente abstrata, anterior e subjacente envolvendo todas as existências individuais, chegamos também a um conceito que é demonstrativo, exato e aplicável a todo o mundo dos objetos cognoscíveis.

Contudo, este conceito, dado o seu absoluto vazio de conteúdo, não proporciona por si só quaisquer meios de progressão; algures e de alguma forma, tem de ser encontrado ou admitido um princípio de movimento, de desenvolvimento, de realidade concreta, para ligar esta derradeira abstração da existência aos múltiplos fenómenos da existência como a conhecemos. Foi, talvez, por Anaximandro não ter conseguido resolver este aspeto da questão que os líderes posteriores da escola insistiram sobretudo no princípio do *movimento*, e não no da mera existência.

Antes de avançarmos, porém, para estes sucessores de Anaximandro, referimos aqui algumas opiniões suas, que talvez não tenhamos forma de relacionar satisfatoriamente com a sua visão geral, mas não deixam, no entanto, de ter o seu interesse individual. A palavra *pele* ou *casca* (em grego, *phloios*) parece ter sido uma das suas favoritas, implicando e retratando uma conceção de interior e do necessário desenvolvimento das coisas. Assim, parece ter postulado uma lei ou tendência inerente no infinito, que o compelia a desenvolver características contrárias, como quente e frio, seco e húmido. Em consequência desta tendência fundamental, surgiu um invólucro de fogo, diz ele, envolvendo outro invólucro de ar, que, por sua vez, envolveu a esfera da Terra, sendo cada um como que a «pele» do outro, ou a casca que envolve a árvore. Este sistema concêntrico é concebido como tendo sido, de algum modo, dividido em vários sistemas, representados pelo Sol, pela Lua, pelas estrelas e pela Terra. Esta última, imaginava-a suspensa no espaço, e obtendo a estabilidade do equilíbrio ou relação intrínsecos e perfeitos entre as suas partes.

Também quanto à origem do homem, parece ter ensinado uma teoria do desenvolvimento a partir de formas de vida inferiores.

Nesta visão, as primeiras criaturas vivas devem ter ganhado vida na humidade (lembrando a teoria de Tales). Com o passar do tempo, e à medida que atingiam o seu pleno potencial, estas formas de vida foram transferidas para terra firme, descartando a antiga natureza como uma pele ou casca. Mais especificamente, Anaximandro insiste em que o homem deve ter-se desenvolvido a partir de outras formas de vida inferiores devido à sua necessidade excepcional, nas condições atuais, de cuidado e amamentação nos primeiros anos. Se tivesse surgido como criatura humana, jamais teria sobrevivido.

As analogias entre estas teorias e as especulações modernas são óbvias e interessantes. Mas, sem nos alongarmos, basta dizer, em conclusão, que, por mais sugestivos e interessantes que muitos destes pobres fragmentos, destes *disjecti membra poetae*, possam ser individuais, deixam-nos ainda mais impressionados com a sensação de incompletude do nosso conhecimento da teoria de Anaximandro como um todo. Talvez a teoria nunca tenha sido formulada como um sistema consistente e aperfeiçoado; nem devidamente entendida.

Alguns especialistas afirmam que foi Anaximandro, o segundo filósofo desta escola, o primeiro a utilizar a palavra *arche* no sentido filosófico. Verdade ou não, foi decerto Tales quem teve a ideia.